



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO
(Es Apl Sv Sau Ex / 1910)**

1º Ten Alu LOUISE PIMENTA DE CASTRO MOTA

**O PAPEL DA MULHER NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**RIO DE JANEIRO
2019**

1º Ten Alu **LOUISE PIMENTA DE CASTRO MOTA**

**O PAPEL DA MULHER NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais Médicos do Serviço de Saúde, pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientadora: 1ºTenente Ingrid Rebelo de Moura

CATALOGAÇÃO NA FONTE
ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO/BIBLIOTECA OSWALDO CRUZ

M917p Mota, Louise Pimenta de Castro.
O Papel da mulher na força expedicionária brasileira durante a Segunda Guerra Mundial / Louise Pimenta de Castro Mota . – 2019.
40 f.
Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Rebelo de Moura.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares, 2019.
Referências: f. 36-40.

1. PAPEL DA MULHER. 2. FORÇA EXPEDIONÁRIA BRASILEIRA. 3. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. I. Moura, Ingrid Rebelo (Orientadora). II. Escola de Saúde do Exército. III. Título.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho.

Assinatura

Data

1º Ten Alu **LOUISE PIMENTA DE CASTRO MOTA**

O PAPEL DA MULHER NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais Médicos do Serviço de Saúde, pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientadora: 1º Tenente Ingrid Rebelo de Moura

Aprovada em 30 de setembro de 2019.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Ingrid Rebelo de Moura-Ten

Otávio Augusto P.B. Soares- Cap
Avaliador

A minha família, amigos e colegas de trabalho pela parceria em todos os sentidos que a palavra cabe.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José Alencar

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, aos meus amigos, aos meus parceiros de profissão e a minha orientadora por compartilharem esse processo comigo e me motivarem.

RESUMO

Pode-se dizer que a segunda guerra mundial foi responsável pela maior taxa de mortalidade em uma guerra na história da humanidade, contando com o envolvimento de todos os continentes. O Brasil após sustentar um período de neutralidade frente ao confronto, optou pelo apoio aos chamados aliados (EUA, França, Inglaterra, URSS). Nesse momento criou-se a Força Expedicionária Brasileira- FEB – que foi responsável por mandar enfermeiras para a Itália. Tem-se esse momento como o primeiro trabalho ativo da mulher brasileira ao que concerne as forças armadas. Diante desse contexto, esse trabalho visou discutir o papel da mulher brasileira, bem como os seus desdobramentos durante a segunda guerra.

Palavras-chave: Segunda- guerra. Mulher. FEB.

ABSTRACT

It's possible to affirm that World War II was responsible for the highest mortality rate in a war in the mankind's history, relying on the involvement of all continents. Brazil after sustaining a period of neutrality in the face of confrontation, It chose to support the so-called allies (USA, France, England) At that moment the Brazilian Expeditionary Force (FEB) was created, which was responsible for sending nurses to Italy. This is the moment as the first active work of the Brazilian woman as far as the armed forces are concerned. Given this context, this work aimed to discuss the role of Brazilian women, as well as their developments during the second war.

Keywords: Second World War. Woman. Brazilian Expeditionary Force.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Registro fotográfico da assistência multiprofissional prestada por uma equipe mista brasileira e norte-americana em uma enfermaria de choque, na Itália.	14
Figura 2	Desfile das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Capital da República do Brasil na época.	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	DESENVOLVIMENTO.....	13
2.1	Metodologia.....	13
2.2	O Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	13
2.3	A Força Expedicionária Brasileira.....	14
2.4	O papel da mulher na Força Expedicionária Brasileira.....	15
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
4	REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Para a devida compreensão do fenômeno da Segunda Guerra Mundial torna-se adequado apontamentos da sua origem, que se associam às consequências que a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918) permeou. Segundo Meneses (2014), Primeira Guerra Mundial começou em 28 de julho de 1914 com a declaração de guerra austro-húngara à Sérvia e teve o seu fim em novembro de 1918, com a concretização do acordo formal com a Alemanha - que foi derrotada na batalha - o que culminou uma intensa crise política, econômica e social no país. No entanto, cabe ressaltar que este acordo só representou, na prática, uma paralização, pois os combates na realidade só finalizaram-se - na perspectiva legal - pela assinatura de tratados que foram negociados em Paris no ano de 1919.

Após a primeira guerra a Alemanha viu-se em intensa crise, que atravessou campos políticos, econômicos, culturais e sociais. Segundo Ferraz (2005), a Alemanha foi submetida pelos vencedores da primeira guerra mundial a perdas territoriais, bem como a redução de suas forças armadas, o que culminou em ressentimentos intensos por parte expressiva da população, onde o modo que foi percebido e vivenciado a perda da primeira guerra é fator importante para compreensão do fortalecimento do nacionalismo no país.

Com a população mergulhada em uma crise e ressentimentos a ascensão de um partido nacionalista pareceu inevitável. Nesse sentido, o líder máximo Adolf Hitler desenvolveu um governo pautado na exaltação de ideias nacionalistas, sobretudo, pautada em perseguição de países que foram contra a Alemanha na primeira guerra.

Para além disso, o governo de Hitler disseminava a ideia de que sua raça era superior as demais e que o país deveria tornar-se a maior nação da Europa (FERRAZ, 2005).

A Alemanha foi recuperando-se e desenvolvendo-se internamente, tanto no sentido econômico, quanto no sentido militar, apesar das limitações dos tratados firmados posteriormente a primeira guerra. Dessa maneira, segundo Ferraz (2005), a Alemanha adquiriu uma força militar decisiva, ao que concerne confrontos localizados.

Com a força militar recuperada e bem treinada, a Alemanha iniciou a retomada de territórios perdidos na primeira guerra. Tiveram, então, início os primeiros ataques aéreos, que desestabilizavam os seus rivais, bem como proporcionada fontes mais rápidas de suplementação e chegada de soldados. Em curto período de tempo, a Alemanha ocupou militarmente a Polônia, Áustria e Checoslováquia, o que em resposta a França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha (FERRAZ, 2005). A guerra foi espalhando-se mundialmente e

tornando-se o que geraria a maior mortalidade humana da história derivada de alguma guerra. Hobsbawm (1995) elucida com eficiência o caráter agravante dessa guerra, ao afirmar que ao contrário das anteriores, essa possuía metas abertas. A rivalidade era intensa, como característica não ter limites. Existia possibilidade de acordo entre um ou outro ponto, mas na realidade, na prática, a intenção era uma só: a vitória total, denominada durante a guerra como “rendição total”.

Diante desse contexto, O Brasil manteve-se em posição de neutralidade nos anos iniciais da guerra. No entanto, após pressão por parte da maior potência do continente americano, os Estados Unidos, o Brasil posicionou-se seguindo os outros países latino-americanos a favor dos aliados.

“Diante do avanço germânico e da expectativa de que a guerra se daria em escala mundial, os Estados Unidos lançaram uma ofensiva político-ideológica em torno da adesão de todos os países latino-americanos à sua estratégia de “frente única de defesa”, incluindo a América do Sul e em especial a “saliência” do Nordeste brasileiro, decisiva para a defesa do Atlântico Sul” (FAUSTO, 1997, p. 379-381)

Nesse sentido, tem-se então a necessidade de uma criação de uma força expedicionária para lutar ao lado dos aliados. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada para auxiliar o confronto dos aliados em território italiano e contava com diversas áreas, incluindo o batalhão da saúde. De acordo com Bernardes e Teixeira (2007), o batalhão de saúde necessitou de enfermeiras, sendo as pioneiras para a mobilização do conflito. A solicitação das profissionais de enfermagem se deu através dos aliados norte americanos, uma vez que as enfermeiras americanas estavam praticamente sobrecarregadas de tarefas e pacientes no território italiano e não compreendiam a língua dos soldados brasileiros que viriam a precisar de seus cuidados.

Diante do cenário descrito até aqui, este trabalho visa compreender o papel dessas enfermeiras frente à guerra, a importância dessa inserção no que diz respeito à força militar do Brasil, bem como foi exposto pela mídia brasileira o assunto na época.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia empregada na construção desse projeto foi uma revisão bibliográfica com levantamento on-line de publicações nacionais e internacionais nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da plataforma Google Scholar.

Foram utilizadas as palavras-chaves: segunda- guerra, mulher, FEB.

2.2 O Brasil na segunda guerra mundial

É de suma importância que antes de dissertar acerca do Brasil na Segunda Guerra Mundial, compreenda-se em qual contexto o país encontrava-se na época. Segundo Alves (2002), o Brasil era dependente e a sua condição era economicamente periférica, o que tornava a sua capacidade de ação autônoma na guerra limitada e até mesmo impraticável.

Pode-se dizer que em até meados de 1940, o Brasil manteve-se “equidistante” tanto da Alemanha quanto dos Estados Unidos. Ademais, o país adotou uma postura de “berganha” com ambos os lados, de modo à perceber qual país poderia trazer mais vantagens para si. Cabe ainda ressaltar, que o Brasil possuía interesse no financiamento que a empresa alemã Krupp poderia oferecer para a construção da empresa siderúrgica brasileira (PINHEIRO, 1995).

Segundo Ferraz (2005), os Estados Unidos ao declararem guerra contra o Eixo, impuseram uma espécie de pressão para o posicionamento dos países que constituíam o continente americano. Dessa maneira, como os Estados Unidos era o vizinho com maior capacidade de poder, a maioria dos países latino-americanos rompeu relações diplomáticas com o Eixo, incluindo o Brasil. Vale ressaltar, que a oficialização do apoio do Brasil aos aliados, ocorreu na conferência de Chanceleres realizada no Rio de Janeiro em mil novecentos e quarenta e dois.

A conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro consolidou a colaboração latino-americana com os Estados Unidos. Promovida pelos Estados Unidos para o rompimento unânime dos países latino-americanos com os países do Eixo. Recomendando a todos o rompimento das relações com o mesmo. Ademais, a conferência contemplou uma série de resoluções que concretizavam esforços dos países do continente para a guerra em favor da causa dos Aliados (PINHEIRO, 1995).

De acordo com Freire e Silva (2014), a entrada do Brasil na segunda guerra mundial em apoio aos aliados, foi um dos movimentos de maior complexidade ao que se refere à história diplomática brasileira. Alguma das demandas do Brasil perante o acordo firmado com os Estados Unidos foi à aceleração da entrada de equipamentos e armas norte-americanas para complementar o exército brasileiro, a construção de dois aeroportos no sul do país e o início do processo de preparo da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que batalharia ao lado dos Aliados no território Italiano (OLIVEIRA, 2014).

2.3 A Força Expedicionária Brasileira – FEB.

De acordo com Pinheiro (1995), por volta de abril de mil novecentos e quarenta e três, Washinton concordou com a criação de uma Força Expedicionária Brasileira, deste momento até o envio da força para o território italiano foram aproximadamente doze meses. Houve resistência por parte dos Estados Unidos no que se refere o envio de material militar que o Brasil havia requisitado, para além disso, faltava o devido esclarecimento, sobretudo certa desorganização acerca de aonde a Força Expedicionária Brasileira iria, de fato, atuar. No entanto, após resolverem o citado, a primeira tropa da Força Expedicionária Brasileira foi enviada para o território italiano em cinco de maio de mil novecentos e quarenta e quatro, concretizando assim o inicio de um movimento de acordo entre Estados Unidos e Brasil que tinha tido inicio quatro anos antes.

De acordo com Bernardes et al (2004), a Força Expedicionária Brasileira foi comandada pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes, seguiu para a Segunda Guerra Mundial contando com as tradicionais armas do exército, como a infantaria, artilharia, engenharia, cavalaria, companhia de manutenção, companhia de intendência, companhia de Transmissões, pelotão de polícia, banda de música divisionária, justiça militar. Por fim, contou também com o Banco do Brasil, que trabalhou com três escritórios e o batalhão da saúde.

No que se refere o Batalhão de Saúde, este foi criado com a participação de profissionais como médicos, dentistas e farmaceuticos, o que vale frisar que no constante de um cenário em que a população brasileira se mobilizava espontaneamente em prol da entrada do Brasil na guerra, as mulheres enxergaram a enfermagem como possibilidade – talvez a

única - de sua participação na mesma (BERNARDES et al, 2004).

Figura 1: Registro fotográfico da assistência multiprofissional prestada por uma equipe mista brasileira e norte-americana em uma enfermaria de choque, na Itália.



Fonte: 5ªSeção do C.M.L., Subseção de Audiovisuais.

2.4 A mulher na Força Expedicionária Brasileira – FEB

Cabe ressaltar como tal mobilização popular espontânea em prol da participação do Brasil na guerra, trouxe não somente o desejo de participação das mulheres na mesma, bem como altas expectativas.

“A enfermagem, nos anos de guerra, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tornou-se importante fator de mobilização das mulheres. Em 1942, Maria Esolina Pinheiro, professora de Serviço Social da Escola da Cruz Vermelha, detalhou um plano para criar um Corpo de Enfermeiras Auxiliares composto de cem mil mulheres treinadas para auxiliar as enfermeiras profissionais, além de um Corpo de Enfermeiras Domésticas, com quinhentas mil mulheres, preparadas para resolver simples casos domésticos, além de um Corpo de Nutrição, um Corpo de Braille (para transcrever livros para cegos) e um Corpo de Motoristas, com 18 mil pessoas preparadas para o transporte de trabalhadores, refugiados e médicos. Mesmo fantasiosos em sua desmesurada pretensão, estes números permitem uma aproximação do lugar que a enfermagem assumia no discurso mobilizatório da época” (Cytrynowicz, 2000)

Segundo Oliveira et al (2010), durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi criado, através do Decreto-Lei 6.097, de treze de dezembro de mil novecentos e quarenta e três o quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército, o quadro caracterizou o primeiro grupamento feminino de enfermagem militar oficialmente incorporado as Forças Armadas na história do Brasil.

Alinharam-se a Força Expedicionária Brasileira ao todo 67 mulheres e em suma, a seleção das candidatas comportava exigências (e.g ser solteira, viúva ou separada, idade de 18 a 36 anos) Tais critérios visavam que as enfermeiras que os possuíssem seriam mais facilmente adaptáveis a rígida estrutura hierárquica militar (BERNARDES et al, 2004). Para além disso, o curso comportou três módulos distintos: parte teórica, preparação física e instrução militar, possibilitando que as candidatas incorporassem o habitus militar, para contemplar a devida padronização do comportamento necessário para o Teatro de Operações (T.O.) na Itália.

A aparição pública das sessenta e sete enfermeiras foi amplamente divulgada pelas reportagens de imprensa na época, tais reportagens exaltavam a figura feminina enquanto uma espécie de símbolo de pátria-mãe, isso valorizava a participação das mulheres da guerra, que iriam cuidar dos soldados brasileiros em campo (OLIVEIRA, et al 2009).

Figura 2: Desfile das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Capital da República do Brasil na época.



Fonte: Acervo da FEB, Palácio Duque de Caxias, Rio de Janeiro, RJ apud Oliveira (2009)

A fotografia representa uma parte do desfile da Força Expedicionária Brasileira realizado no Rio de Janeiro em trinta e um de março de mil novecentos e quarenta e quatro, nesse desfile os expedicionários apresentaram-se para a população a fim de receberem em público homenagens e despedirem-se. Conforme demonstra a fotografia a utilização de uniforme e emblemas militares foi uma estratégia para imposição de identidade de enfermeira militar para a sociedade e sinalização da posição que elas ocupariam em campo (OLIVEIRA et al, 2009).

De acordo com Salun (2012), o desembarque da Força Expedicionária Brasileira foi amplamente divulgado no Brasil, foi informado acerca da recepção calorosa que os brasileiros tiveram pelas autoridades dos aliados e da população civil aos soldados. Além disso, houveram expressivas declarações das autoridades norte-americanas positivas sobre a tropa brasileira, que foi destaque na imprensa na época.

Kneodler (2016), afirma que os efeitos que a mídia produz são essenciais para compreensão de fatos sociais, políticos e culturais, em suma o discursos da mídia ao relatar acontecimentos, pode produzir sentidos e influenciar os seus leitores. Dito de outra forma, a mídia na segunda guerra marcou presença não somente na convocação das enfermeiras para a Força Expedicionária Brasileira, mas também na divulgação de informações sobre o trabalho da tropa na Guerra e nos efeitos positivos causados na população com o recebimento das informações. Segundo Oliveira et al (2009), a visibilidade da imprensa em relação as enfermeiras febianas e sua atuação em guerra evidenciou uma determinada espécie de ruptura concernente a paradigmas do que diz respeito a fronteiras entre homens e mulheres. Percebemos assim os possíveis efeitos que a mídia produziu e disseminou na época.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, mais especificadamente no século XIX, a dicotomia entre homem provedor e mulher cuidadora era prevalente, limitando assim a mulher ao espaço privado e dificultando assim sua entrada no mercado de trabalho. (SOUSA E GUEDES, 2016) Conforme descreve Oliveira (2009) as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira sobrepuseram-se ao anonimato e romperam as fronteiras e pressupostos da vida privada para serem figuras na vida pública do Brasil. Dito de outra forma, a ida das mulheres para a guerra enquanto profissão, foi uma conquista socialmente importante, uma vez que as mulheres não só saíram do espaço privado, como fizeram parte de um espaço de trabalho culturalmente reservada ao homem.

Bernardes e Lopes (2006) afirmam que a inserção da mulher enfermeira na Força Expedicionária Brasileira contribuiu para a valorização da mulher na sociedade brasileira, sendo um ato considerado ousado à aceitação do seu serviço em um grupo predominantemente masculino, podendo sendo vista então enquanto resistência. Ainda segundo Bernardes e Lopes (2006), essa inserção foi oportuna para a comprovação da capacidade da mulher em desempenhar as atividades que lhe foram atribuídas, abrindo assim uma oportunidade de campo profissional para a mulher brasileira.

Segundo as ideias de Bernardes et al (2004), todo o processo que englobou a ida das mulheres com a Força Expedicionária Brasileira para a Itália, desde o curso de formação, dos treinamentos árduos e da divulgação para a mídia, contribuiu para a inserção da mulher em relação a uma perspectiva nova na História do Brasil, do Exército e da Enfermagem Brasileira.

4.REFERÊNCIAS

ALVES FERRAZ, Francisco. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. 1ed. Zahar, 2005.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. A visibilidade da atuação de uma enfermeira do Exército Brasileiro a um ferido na 2ª Guerra Mundial. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 39, n. 1, p. 62-67, Mar. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 15 June 2019.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **As enfermeiras na força expedicionária brasileira: a criação de um habitus militar na segunda guerra mundial**. Dez, 2004.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 41, n. 3, p. 447-453, Sept. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300015&lng=en&nrm=iso>. access on 14 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342007000300015>.

CYTRYNOWICZ Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, p. 73-91, June 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000200004&lng=en&nrm=iso>. Access on 29 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702000000200004>.

FAUSTO, B.. **História do Brasil**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1997

FREIRE JUNIOR, Olival; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 34, n. 67, p. 181-201, jun. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882014000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 30 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882014000100009>.

HAHNER, J.E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KNEODLER TS, PAES GO, PORTO FR, NASSAR PRB, OLIVEIRA AB. Nursing throughout war times: political propaganda and professional valorization (1942-1945). **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2017;70(2):407-14. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0440>

MENESES, Filipe Ribeiro de. Os limites cronológicos da I Guerra Mundial. **Relações Internacionais**, Lisboa , n. 42, p. 21-33, jun. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2019.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al . Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 18, n. 4, p. 688-696, Dec. 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400010&lng=en&nrm=iso>. access on 29 june 2019.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Condecorações de guerra como investidura de bens simbólicos às ex-enfermeiras febianas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 1-2, Mar. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 28 june. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452010000100004>.

OLIVEIRA, D. A condução da aliança militar na Segunda Guerra Mundial: o caso da Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos (CMDBEU) - 1942-45. In: XVI Simpósio Regional de História Saberes e práticas científicas, 2014, Rio de Janeiro. **Anais do XVI Simpósio Regional de História Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro: ANPUH/RJ, 2014. p. 1-9.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 13, n. 1, p. 81-102, Apr. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100006&lng=en&nrm=iso>. Disponível em: 30 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100006>.

PINHEIRO, L. A entrada do Brasil na segunda guerra mundial. **Revista USP**, n. 26, p. 108-119, 30 maio 1995

SALUN, A. O. . Noticias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB. In: Dennison de Oliveira. (Org.). *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. 01ed. Rio de Janeiro: DECEX-DPHCEX-CEPHiMEX, 2012, v. 01, p. 09-16.

WINTER, Jay 1997 *Sites of memory, sites of mourning: the Great War in European cultural history*. Cambridge, Cambridge University Press

